

Evander Ruthieri da Silva

Universidade Federal de Integração Latino-Americana (UNILA),
Departamento de História, Instituto Latino-Americano de Arte, Cultura e História, Foz do Iguaçu, PR, Brasil.
evander.silva@unila.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-5988-3739>

Transcrição e tradução de *Through the Jungles Overland into Niger River* (1902), de Thomas Adesina Jacobson Ogunbiyi

Transcription and Translation of Thomas Adesina Jacobson Ogunbiyi's *Through the Jungles Overland into Niger River* (1902)

Resumo: A ação missionária na África Ocidental, durante o período colonial, tem sido objeto de investigação e problematização da historiografia africana/africanista recente, em especial com o objetivo de problematizar as formas de contato intercultural e, sobretudo, o papel de intermediários africanos nos processos de conversão e educação cristã. No que se refere à região do rio Níger (atual Nigéria), figuras como o reverendo Thomas Adesina Jacobson Ogunbiyi, a serviço da Church Missionary Society (C.M.S.) legaram importante documentação acerca das "zonas de contato" (expressão de M. L. Pratt) decorrentes do colonialismo, sobretudo por meio de relatos de viagens.

Palavras-chave: África Ocidental; Missionários; Relatos de viagem.

Abstract: Missionary action in West Africa during the colonial period has been the subject of investigation and scrutiny in recent African/Africanist historiography, particularly aiming to problematize the forms of intercultural contact, and notably, the role of African intermediaries in processes of conversion and Christian education. Concerning the Niger River

region (present-day Nigeria), figures such as Reverend Thomas Adesina Jacobson Ogunbiyi, in the service of the Church Missionary Society (C.M.S.), left significant documentation regarding the "contact zones" (an expression of M.L. Pratt) resulting from colonialism, mainly through travel accounts.

Keywords: West Africa; Missionaries; Travel's narratives.

A ação missionária na África, durante o período colonial, tem sido objeto de investigação e problematização da historiografia africana/africanista recente, em especial com o objetivo de problematizar as formas de contato intercultural, as negociações, agenciamentos e conflitos ressignificados sobretudo por meio de escritos autorreferenciais produzidos por agentes vinculados ao missionarismo. Esses conjuntos documentais, a exemplo de cartas, textos literários de cunho religioso ou publicações na imprensa missionária, evidenciam as complexidades envolvidas nos processos de conversão e negociação entre europeus e africanos em contato com os processos de evangelização no continente africano e no quadro mais geral de expansão colonial no continente africano na segunda metade do século XIX.

No que se refere à África Ocidental, e de modo mais específico à região do delta do Rio Níger, espaços que foram alvo do colonialismo britânico no final do século XIX, convém demarcar que se, por um lado, os agentes missionários foram "importantes agentes culturais do imperialismo modificando em um contínuo processo as formas cotidianas presentes nos diferentes grupos étnicos"¹, por outro lado, há que se considerar "o ato missionário em sua dimensão dialógica; em entender o sincretismo resultante da incorporação das doutrinas cristãs nas doutrinas religiosas de origem como um campo de disputa simbólico, político e existencial"². Desse modo, a atenção especial recai sobre a atuação dos missionários autóctones, isto é, de homens africanos que passaram por processos de cristianização, em contato com a educação nas estações missionárias, e atuaram diretamente com as agências missionárias, evidenciando, por meio de seus escritos e suas trajetórias, os processos interculturais e as ressignificações políticas da evangelização.

O documento traduzido e transcrito a seguir, o manuscrito *Through the Jungles Overland into Riger Niver* (1902)³, de Thomas Adesina Jacobson Ogunbiyi, integra os acervos da Church Missionary

¹ Lúcia Helena Oliveira Silva. "Conversão e negociação: bagandas e missionários no Reino de Uganda (século XIX)", in: Tiago H. Sampaio; Patricia Teixeira Santos; Lúcia H. Oliveira Silva. *Olhar sobre a História das Áfricas: religião, educação e sociedade*. Curitiba: Appris, 2019, p. 255.

² Marion Brepohl. "Presença protestante na África; ressonâncias da Segunda Reforma", *Estudos de Religião*, 30-2 (2016), p. 175.

³ O manuscrito original foi consultado e coletado na Cadbury Research Library, na University of Birmingham (Reino Unido), onde encontra-se catalogado com o código CMS/Z 17. Sua transcrição e tradução foi feita com autorização formal da Cadbury Research Library e da Church Mission Society, por meio de correio eletrônico.

Society (atualmente Church Mission Society, doravante C.M.S.), salvaguardados na Cadbury Research Library da University of Birmingham (Reino Unido). Como se sabe, a C.M.S iniciou suas atividades em 1799, vinculada a clérigos protestantes (anglicanos) atuando na Ásia e na África. No que se refere à África Ocidental, as primeiras estações missionárias da C.M.S começaram a ser estabelecidas na primeira metade do século XIX, principalmente na região das atuais Serra Leoa e Nigéria. A C.M.S, assim como outras agências missionárias ao longo do século XIX, estavam diretamente envolvidas com o movimento revivalista evangélico, mesclando experiências culturais ocidentais, cristianização e discursos sobre progresso material e industrial, especialmente por meio da educação⁴.

O manuscrito em questão foi produzido pelo reverendo Thomas Adesina Jacobson Ogunbiyi, filho de um chefe cristão Yorubá de Ìsàlè Èkó, e que se juntou ao corpo de clérigos nativos da C.M.S. por volta da virada do século XIX. Após ser educado em instituições em Lagos (Lagos Grammar School e Lagos Training Institution), Ogunbiyi atuou como professor em Ode Ondo e Abeokuta (Nigéria), e posteriormente ingressou no Fourah Bay College (em Serra Leoa). Foi ordenado diácono em 1899, e padre em 1902, enviado para atuar na região de Akure (Nigéria) até 1903, quando então foi transferido para Ode Ondo, em Lagos. Posteriormente, por volta de 1914, Ogunbiyi fundou a Reformed Ogboni Fraternity, uma associação sincrética incorporando elementos Yorubás e cristãos⁵. A trajetória de Ogunbiyi, assim como de muitos missionários autóctones do período, exemplifica as circunstâncias culturais e sociais de agentes intermediários, culturalmente situados entre as tradições ancestrais africanas e a difusão da cultura europeia/cristã, capazes de “mediar [no campo] da política, do comércio e das atividades culturais, representando os africanos para os europeus, e os europeus para africanos”⁶.

A documentação transcrita e traduzida relata uma jornada empreendida por Ogunbiyi, acompanhado do missionário Thomas John Dennis, em visita a diversas comunidades entre Ilesa e Aasaba, a pedido do Yoruba Mission Executive Committee. O manuscrito permite, para além da incorporação do discurso missionarista, sobretudo em sua ênfase no papel reformador da educação, principalmente a instrução profissional/industrial, as instâncias de mediação e negociação com as chefaturas locais na região do Rio

⁴ Femi J. Kolapo. *Christian Missionary Engagement in Central Nigeria, 1857-1891: The Church Missionary Society's All African Mission on the Upper Niger*. Cham: Palgrave Macmillan, 2019, p. 62.

⁵ George Simpson. “Religious Changes in Southwestern Nigeria”. *Anthropological Quarterly*, 43-2 (1970), pp. 79-92.

⁶ Paulo Fernando de Moraes Farias; Karin Barber. “Introduction”, in: *Self-Assertion and Brokerage*. Birmingham: Centre of West African Studies; University of Birmingham, 1990, p. 1.

Níger; as relações e mediações entre missionários autóctones, a exemplo de Ogunbiyi, e missionários europeus, tais como T. J. Dennis; o papel (e dependência) de intermediários africanos no processo missionário, sobretudo como guias e intérpretes; bem como a continuidade de práticas culturais e religiosidades ancestrais entre as comunidades falantes de Yorubá, Ibo e Edo/Ora visitadas pelos agentes da C.M.S. Redigido no formato de um relato de viagens, gênero literário extremamente popular nas últimas décadas do século XIX, trata-se de um documento sugestivo das “zonas de contato”⁷ características de contextos marcados pelo colonialismo, sobretudo pelos contatos culturais entre africanos e europeus.

Referências

- BREPOHL, Marion. “Presença protestante na África; ressonâncias da Segunda Reforma”, *Estudos de Religião*, 30-2 (2016), pp. 171-194.
- FARIAS, Paulo Fernando de Moraes; BARBER, Karin. “Introduction”, in: *Self-Assertion and Brokerage*. Birmingham: Centre of West African Studies; University of Birmingham, 1990.
- KOLAPO, Femi J.. *Christian Missionary Engagement in Central Nigeria, 1857-1891: The Church Missionary Society's All African Mission on the Upper Niger*. Cham: Pallgrave Macmillan, 2019.
- PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Edusc, 1999.
- SILVA, Lúcia Helena Oliveira. “Conversão e negociação: bagandas e missionários no Reino de Uganda (século XIX)”, in: SAMPAIO, Tiago. H.; SANTOS, Patricia T.; SILVA, Lúcia H. O. *Olhar sobre a História das Áfricas: religião, educação e sociedade*. Curitiba: Appris, 2019.
- SIMPSON, George. “Religious Changes in Southwestern Nigeria”, *Anthropological Quarterly*, 43-2 (1970), pp. 79-92.

Recebido em: 09 de novembro de 2023.

Aprovado em: 05 de abril de 2024.

⁷ Mary Louise Pratt. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Edusc, 1999.

Through the Jungles Overland into Riger Niver

Thomas Adesina Jacobson Ogunbiyi

Feb 3 to March 20. 1902

[fl. 1]

The Journey under review is a realisation of my daily dream since 1897 that I was told off to open a mission station in Akure, with a view to shake hands with out brethren on the Niger by a chain of stations from either side.

The Revd. J. F. Dennis, a zealous and indefatigable missionary, for sometime the secretary of the Niger Mission, seems to be equally anxious to see the connection of the Yoruba and Niger missions by a chain of stations become a reality, he, therefore, resolved to seize the opportunity of his visit to Lagos to attend the Diocesan conference, to make a pioneer inspection overland on his return, to the Niger. As a native fellow traveler was an imperative necessity for him, I was appointed by the Executive Committee to accompany him.

Having to wait a little longer at Lagos for my ordination to the full ministry, arrangements were made by which I was to overtake Mr. Dennis at Ilesa and proceed thence with him.

The characteristic features of the journey were:

1. It was done by Mr. Dennis without the aid of a hammock or a beast of burden: or a European to do so great a distance on foot in several successive days of walking at the hottest season of the year, I think is noteworthy as it was adventurous.
2. We passed through 3 distinctly different languages, not noticing, of course, the numerous dialects branching from them; viz: Yoruba, Benin and Ibo.

[fl. 2]

The remarkable characteristics of the people speaking these three languages are such as led on to the conclusive decision that Yoruba is superlatively, the best [ilegível] of the three, Benin comparatively better, and Ibo positively good.

3. It is wonderful how the whole country right through is open for the Gospel, and how many souls there are in the jungles without a hope to cheer the tomb whose daily motto is "Let us eat and drink for tomorrow we die". Besides the sight of a white man was a novelty in many a town.

Now to the journey proper: Leaving Lagos on Monday the 3rd February by train I arrived at Monday Ibadan the same evening; here I secured the services of a few carries for our overland journey [and] proceeded thence on the third day to Ilesa, the meeting place of Mr. Dennis [and] myself. I rejoiced to find him already lodged in the mission house and quite fit for a start, though on foot at his own risk.

Feb. 9 – Sunday – The Rev. R. S. Oyeboode the pastor in charge being away at Lagos, we divided the services for the day between ourselves. Mr. Dennis took the morning and I the evening: we had a very well attended service each time.

Feb. 10 – We left Ilesa as early as possible and made a halt at Ipole, a village of Ilesa, for breakfast where we spoke at length to the head chief about christianity and tried to teach him to ask for God's Holy Spirit daily. Just before reaching this villaged, Mr. Dennis, while trying to skip over a stream, had a dockage. I said to myself, this is the beginning of sorrow, but he so readily took advice and had a change

[fl. 3]

before going further that I felt less anxious about him. Leaving Ipole we reached Iperindo about noon, as we entered, a strange building that looks much like a house of prayer attracted our attention, we found no one to satisfy our curiosity, until we found our way to the head chief's house where we found some Mohammedans writing arabic to whom together with the king we spoke about Jesus Christ, after Mr. Dennis was seated on a chair covered with soot. No sooner we began to speak with the headchief and his guests then the converts gave their appearance, we were so much taken up with them, after knowing that they were builders of the chapel we saw at the entrance that we removed to the house of one of them, got some refreshment, spoke a few words of encouragement and commended them to God in prayer; they were about 22 in all and none of them baptised yet; but they know how to read the Bible. From here we proceeded to the river Oni, where we slept amid camp fires.

Feb. 11 – Today's march was longer than yesterdays, all felt tired by the time we reached Sarun, a town-village of Akure. The villagers were much startled at our arrival especially when they knew we were resting in their village for the night; getting somewhat to eat and drink occupied our time for the night; the villagers prepared a welcome dish of pounded yams and "palm oil soup" for our men; they soon knew the difference between us and government officials as I was a well known personage to them having preached to them before; they bad us

[fl. 4]

"goodnight" with confidence that we were messengers of peace, and there will be no trouble in the night. On the morrow, they came together as early as possible with their head chief at their head and Mr. Dennis addressed them in his usual homely style explaining the Gospel message as the to little children; the people on our part highly appreciated his address and claimed him as their "white man" because he was the very first to sleep in their village; here they changed his name to Oludahlusi, being the native pronunciation for

Dennis in their dialect. I took a photograph of the group here.

Feb. 13 - We arrived at Okwe yesterday about 2.30 om, receiving a warm welcome from the Christian converts chiefly, who came round early this morning to see us off and to ask Mr. Dennis not to keep me too long on the Niger, in fact they regard him a hard master for not allowing me to spend more than one night in the station after over two months absence. I, of course, explained to them how it was the same line of duty and that it was because "the kings' business required haste", Mr. Dennis having an important meeting to attend on the Niger within a few days. The days' march took us to Iso about 19 miles S.E. of Akure; we found a good accommodation for ourselves, and men at the head chiefs piazza and frontage.

Feb. 15 - Leaving Iso yesterday after dispensing some Gospel message to the headchief and people we got to Emure Ile where we met a

[fl. 5]

market, the arrival of a whiteman soon bought out the headchief and a good crowd to whom we spoke a few words before proceeding to Owo, a town of some importance next in rank to Benin city, in this part of the country. Here we found a Government official from Benin who, thinking we were officials from the Lagos Government, came to meet us somewhere within the walls, though disappointed he seemed however to be pleased to have the company of Mr. Dennis for the night; as also his clerk an old Schoolfellow of mine, and so well know to me gave me a hearty welcome, and made me feel comfortable in his lodging. What we regret most in this visit was want of an interview with the King by ourselves and the presence of a Baptist missionary in town who was going to establish his mission there and thus nullify our former efforts to open a station in the town. But he is not to blame as he was seizing the opportunity of our indifference or negligence to occupy so hopeful a sphere of work where we have secured a grant of land from a station.

Leaving Owo today we halted at Ipele about 7 ½ miles S. E. for breakfast; the people were hospitable enough, and were very attentive to us when we addressed them with the pictures we took with us opening before them; here another opportunity was seized to photograph a crowd listening to a white man they have ever seen unlike that many officials they have seen preaching christianity. This is the end of my knowledge of the road we

[fl. 6]

were taking and therefore we had to make repeated enquiries about the best route to the Niger; our informants seemed to be as ignorant as ourselves with knowing the next town on village we shall come to; and that it is in a S.E. direction.

Feb. 16 – Sunday – We could only walk about 4 ½ miles in addition to those from Owo to Ipala yesterday to reach a farm village named Olemakin after its headman, to campo for the day and spend our Sunday. There were only a handful of farmers with their families living in two rows of huts on neither side of the main road. Mr. Dennis's tent was pitched on one end of the village and I found a nominal accommodation for myself on the other end in a piazza. After walking every day the whole week we realized in a special manner that this was indeed a day of rest. We had morning service in the open air at the tent's door; when Mr. Dennis spoke to the small crowd about the Fatherhood of God, the entrance of sin into the world, and God's provision for man's salvation. The women of the village were not allowed to attend but we rejoiced to know after the service that they were behind doors drinking in the [ilegível]. Almost all of us enjoyed a nap when the service was over and we felt refreshed for an afternoon service which I conducted and during which I spoke to more attendants than we had in the morning on the

[fl. 7]

three pictures of the Prodigal, the Good Shepherd and the Crucifixion which we had with us.

Feb. 17 – With renewed vigour we left the farm village and walked some 13 ½ miles before we made a halt for breakfast at Ifon, where we found a building that looked much like a chapel, but actually used as a court and rest house by officials from Benin; in this building, we tried to cool ourselves after the long stretch while the king and some of his followers went to market to get us some necessities for our breakfast, after which we addressed the king and his people teaching them from our three pictures. This was the first time the towns people have ever heard the Gospel message or even the name of Jesus Christ mentioned to them. They seemed much impressed and the king, a handsome looking young man, took us outside the town thanking us for our message. We soon found ourselves in another town within twenty minutes; as we could not proceed without a guide from this town, we went to the king's house, he was not at home, when he heard of us he returned as soon as possible to the house, and we spoke to him about Christianity and eternal life. After this he gave us a guide who took us to the river Ose where we met a Christian from Oro-Esse with our special messenger whom we had sent to inform him of our advent and to ask him to come and meet us on the way if convenient. He proved a great relief to both of us especially when he told us that he had but

[fl. 8]

recently returned from Asaba - our destination. The only distressing news he gave us was that we were still about 7 or 9 days distant

from it. We decided to camp on this river while the mand proceeded with an express messenger Mr. Dennis was sending to take letter to his sister at Asaba.

Feb. 18 - We walked about 12 miles this morning before we had any rest: we found ourselves among a different set of people, speaking languages more akin to Benin and yet it is not Benin, it is called Ora. This country is composed of about 6 villages: we passed through 5 of them the most distant from another taking an hour, the nearest 5 minutes. Four of the villages looked more like new settlements and we understood that they were just returning from their old place of retreat whither they have been driven by raids. At Eme, one of the villages to which Alegbeleye, a hearty voluntary Christian belongs, we found about 12 adults ripe enough for baptism; we examined them in Church Catechism and reading, the latter they did intelligently well; and we were sorry we could not reach this place for Sunday to baptise the candidates as Mr. Harding requested, nor could we afford to spend a whole day with them and therefore we postponed the duty until I should return. The remarkable part of this volunteer's work is that he had to teach the people to speak Yoruba first before he taught them to read it, but of course, he explains the scriptures

[fl. 9]

to them in their mother language tongue. To make ourselves fully understood to them, Mr. Dennis spoke in English, I interpreted into Youruba and someone interpreted for me into the language in question. However, we left the village in the same day and slept on a stream in the bush.

Feb. 19-21. These days we spent marching more by faith, having decided not to take the rout our guide knew, thinking it was longer than the other direction.

All these days we were passing through Benin towns all having imposing entrances. In almost all the towns the people heard the name of Jesus from us for the first time in their life. Water is very scarce in all the towns, they had to content themselves with muddy pond water, good water is a luxury belonging to the headchiefs alone, fetched from a long distance some two or three miles away. We left much cheered to find ourselves at OIje on Friday night and to distinguish a few Ibo words in their language which made us feel we could not be far distant from our destination. But Mr. Dennis had to pass through an ordeal here, being the very first 'white man' ever seen by the townspeople he had to submit to their scrutinizing gaze (after a wash and so called dinner), though tired out from the day's long march, in the open air with a light held to his face for the people to see him, but we did not let the opportunity go without a message to them.

[fl. 10]

Feb. 22 – Just at daybreak the headchief of Olije beat the drum and a good assembly came to see the “whiteman” in the daylight and not only that but to feel him by shaking hands; we left the town in the midst of a pressing crowd and under the wave of their peculiar yell. We were happy to find ourselves 3 hours after this among Ibo speaking people at Ilemunede a town whose name at least is well known to Mr. Dennis. Leaving this town at noon after the usual interview with the headchief and refreshment in the house of a well known native trader – Mr. I. J. Palmer, we managed to reach Isebe before dusk. Here we found Mr. Palmer himself and he proved a great help to us in every respect; but it was strange and shocking to find ourselves with a king who keeps servants in perfect state of nudity about him. There is a Roman Catholic Mission and a Government official rest-house in the town.

Mr. Dennis must still proceed to Asaba, still about 21 miles distant, which the carriers and myself either remain in this town or proceed to Akwukwa for Sunday. Having read so much of Akwukwa as a new mission field and knowing that I shall be of some use there, I was anxious to go over to the place for Sunday, but to get a guide was a difficulty, the king promised one but before going to bed he changed on the ground that small pox was raging in the neighbourhood.

[fl. 11]

Feb. 23 – Sunday. This was the first miserable Sunday I remember having spent in my life: Mr. Dennis left early in the morning for Asaba, and I was left with the carriers among strange people all around under some strain. Although Mr. Palmer, my host, could speak Yoruba and he made me feel at home with him, yet I could not help feeling he was not all to be desired on a Sunday. I paid a visit to the Romanist service out of curiosity, the greater part of the service was in Ibo language, and I could not make out a word of the textless sermon delivered in a rotten pigeon English. The father after service told me that of about 70 souls present there were only 10 real converts. On my return to my lodging I implored Mr. Palmer to secure me a guide at all cost to take me at least to the entrance of Akwukwa; and he succeeded to get me one, with whom we all left, sighing some relief, at 1 p.m. we arrived just in time to see the Christians out of evening service. Meeting Mr. J. Obingbo Egboala, the agent in charge or rather the “Oyenkwuzi”, as he is better known by all, having introduced myself to him he gave us a warm welcome. We soon had a full house of Christian and non-Christian visitors. They admired me as one from another world while I admired their tattooed faces and [ilegível] adornments and yet we are of the same colour. The three pictures I took with me were of some use here, especially the crucifixion; Mr. Egboala carefully explained

[fl. 12]

it to all. We soon arranged for a night service as I must go tomorrow;

we had a full house of Christians, as I looked at them, I remember all I have read of Akwukwa very vividly about the town troubles, the church building, the cactus-fence and the earnestness of the Christians and I am glad to endorse all as very true. I was much impressed with the singing, one could not expect a more hearty and useful Christian songs from the devoted concerts. I addressed them from the texts - "Now God himself and our Father and our Lord Jesus Christ direct our way unto you. And the Lord make you to increase and abound in love one toward another and toward all men". In the course of the address a heavy rain came and the percolating roof soon forced us to a close to the expressed regret of the interested Christians.

Feb. 24. - As early as 4.45 am, we heard a great noise approaching the mission station. Mr. Egboala invited me outside the compound to see the sight; it was that of a bonfire, the women, each with a wood of fire, running and shouting and beating the ground asking the particular god where the festival was, to bring an ill omen on their enemies; they made a pile of the fire wood behind the church and returned home dancing and singing songs of deliverance from their enemies. I understood that this festival comes off in every three years.

[fl. 13]

Then I was able to see how formidable heathenism is in the town, and to imagine what it must have cost the Christians to choose the Lord Jesus as their portion. However we found time for a meeting when I reluctantly took leave of the Christians after much prayer and address.

By 8.30 a.m. we were out of the town looking towards Asaba; but we have to pass through another C.M.S. Station, Ilegbolu, the agent in charge was not at home, the converts, particularly a titular king, made us comfortable during our short stay, the only regret was that we had to make ourselves understood by signs and beckoning. About 3 p.m. we reached Asaba, the so much longed for town, just in time to see the backs of Messers Dennis and Alvarez, as they went to the wharf to embark for Onitsha. I soon found myself in the best hands - Miss F. M. Dennis, a lady I make bold to term kindness personified who rocked me right through my fortnight stay on the Niger in a cradle of hospitality. My first duty here was to address Miss Hornley's night school.

Feb. 26-27. I spent three days looking round the Government buildings, the canteens, the famous river, the full marker (which is unlike ours in Youruba); the school (which I addressed) and a village where a few boys were voluntarily building a school shed for themselves; Miss F. M. Dennis

[fl. 14]

Mr. Dennis and Miss Hornley kindly took me round themselves by

turn.

Today the 27th I left with Mr and Miss Dennis in the mission boat for Onitsha; it took us 55 minutes to cross; on landing, we walked coolly up to the "Ojala" with Rev. Mr. Aikron of Lokoja whom we met at the wharf evidently to welcome us. Within an hour and a half I found myself sitting to dinner in the Girls' School amidst 13 European missionaries – ladies and gentleman. The bond of union and Christian fellowship noticeable among this band of workers are remarkable. A missionary I had a great pleasure of meeting on this river is Mr. T. E. Alvarez, the new secretary, he was a true and considerate friend of mine in Sierra Leone and strange to say when we were taking leave of one another there we expressed the hope that we shall one day meet on the Niger, because he was then going to open a new Mission at Falaba near the source of the river and I was coming to open a station in this district with a view to join the Niger Mission. We greeted each other very warmly. I am much indebted to him for the comfortable arrangements he has made for me on this side of the river during my stay.

I cannot speak too much in praise of Mr. R. Cheetham, the mission accountant who contributed much towards making me feel quite at home in the house and among so many white men.

[fl. 15]

Feb. 28 – This was a day of walking around to see all I could see: Mr. E. Dennis first took me down to what is called 'the compound' to see industrial department of the mission. I felt much taken up with this department, especially when I saw the work done by the lads under the able and painstaking tuition of Mr. Todd.

After this I went by myself with a guide to Onitsha town to see the Rev. G. N. Anyaegbanam of who I gave read so much and I am glad to place on record that he is a worthy first native of the soil in the ministry. The sight of gin bottles displayed in front of several houses as we passed was appalling. I observed some of the bottles marked 'P' in red and said to myself would that this people could read and known that P. stands for poison sometimes in English language. I was again present tonight at a dinner in the men's house with 12 European missionaries after which we all attended the usual weekly missionary meeting which I had the pleasure of addressing.

March 2 – Sunday. This is a Sunday among cannibals: since coming to Obose yesterday a different feeling of horror has come after me, especially when a pupil teacher came last night to warn me not to leave my doors open if I did not like to suffer from robbers or to welcome a visit from deified snakes.

[fl. 16]

A new church is in course of building at the market place, but we had a nice service attended by about 55 souls in the schoolroom within the mission premises when I gave an address from the text – "Ye

were sometimes darkness, but now are ye lights in the Lord walk as children of light”.

Knowing my curiosity to see a deified snake, the pupil teachers brought one found in the catechists kitchen: I was surprised to see how they played with it and how harmlessly the dreadful creature curled round one of them.

I went to Ugamama for the evening service, there were 19 souls present who listened carefully to the message from Matt XI. 28. This is the second station in Obosi and is being kept by a voluntary worker.

March 3-5. Spent ~~Sunday~~ these days itinerating from town to town, all replete with cannibals with fierce looking and wild gesticulation, easily irritated and ever ready for a fight or an uproar, having serrated teeth, moving about in naked appearance with but a [ilegível] piece of cloth around their loins.

No wonder the Niger proved so hard a soil for the Gospel. It is indeed the valley of spiritual dry bones at least on this part of Africa and should enlist the prayerful sympathy of the Christian world.

What after so many years of faithful evangelisation to read of 15 to 18 members. Belonging to Oba six of whom I saw; fewer still belonging to Ojoto, one or two of whom

[fl. 17]

I could see in the street; 12 belonging to Nkpo, four of whom I saw including a woman we met receiving instruction from the voluntary worker, John Amariya; 34 belonging to Ogidi, none of whom I saw, the agent in charge Thomas Ayanmene being away from the station on a visit round.

It was the market day of Nkpo and Obosi when I visited some of these places; I saw to the satisfaction of my curiosity a pitiable display of cannibals in a common assembly. No wonder they are sometimes blood thirsty and led to feed on human flesh as recently as last October. They were all armed with weapons of war, their women each held a sharp two-edged knife as a defensive weapon; the only woman I met unarmed was a Christian. It seems incredible that these people are only 6, 7 or 8 miles within Onitsha, the seat of English Government and civilisation.

At Iye-Anu, the battle field of cannibals last year, I found a school of “modern prophets” (Evangelists) under the supervision of Rev. G. Basden. These evangelists [ilegível] to the towns around to preach and return within a few days for instruction.

Iye-anu is a hill commanding splending views all around and seems therefore to be a fitting watchtower and sanatorium combined. I had a happy time with Mr. Basden there in his little hut.

March 6-8. These days were spent in Onitsha where I rejoiced to find myself once more free from the atmosphere of cannibals.

[fl. 18]

I first spent a day with brother Anyaegbanam who did all he could to make the memory of Onitsha town lasting in me, I had the pleasure of meeting Messers Blacket and Bingham missionaries (native) from West Indies, who impressed me as well chosen men, in the house of my host at dinner.

From Anyaegbanam's house I attended the usual monthly or quarterly agents meeting or rather conference which I had the privilege of addressing: it was a full house of agents of every grade, foreign and native, from the either side of the river.

It was inspiring and touching to listen to some of the agents one after another relating their difficulties and encouragements in their different spheres of labour. The condescending attitude of the European missionaries towards the native agents is strikingly exemplary and bespeaks a successful future for this mission if continued.

From the Conference I accepted an invitation to address the Girls' School under the efficient management of Miss Warner and Miss E. Dennis; I was much struck with the fluent interpretation of Miss Warner for me. The commendable feature of the school is its being chiefly industrial and it is noteworthy to see how quite at home the girls look and behave in the society of their foreign governess.

[fl. 19]

Once more I paid a visit to the Industrial department of the mission under Mr. Mackett, when I had the pleasure not only of seeing the specimens of the work done by pupils of the school, but also of being a favoured recipient of one of them – a highly prized book shelf. How badly we need such a industrial department in a good centre of the Yoruba mission where so thorough a finiez will be taught our mechanical lads and young men!

March 9 – Sunday. With feeling of sadness I exchanged expression of "God-be-with-you" with the missionaries, especially Messers Alvarez, Dennis and Cheetham, and left in the same company as I went with. Today I preached twice in the Church – Morning and Evening; Mr. Monu [?], the schoolmaster-catechist kindly interpreted for me both times. The services were well attended.

March 10-15. These days were spent in return journey through another route as we wanted to know the shorter course to come of the two missions But before leaving the Niger I must not forget to add what impressed me most about the European missionaries in this mission – their simple and self denying mode of living – they seem quite content to live and work in a ground floor house and under a roof covered with native [ilegível]. Those who are living in the only two stoney houses on the side of the river I visited seem compelled

[fl. 20]

to live in them and would gladly exchange with any native.

During my return journey myself and a party were more like dumb

driven cattle for full five days as we are ignorant of the languages of the people: in trying to make ourselves understood we twice escaped being fired at or cut into pieces, I was once saved by my tent poles as they looked like a gun.

In places like these I felt more indebted than ever to Miss F. M. Dennis for the ample provisions for the way she loaded my basket with, for we could not get food to buy; carriers had to sleep tired and hungry or only with a mouthfull sometime. However we were safely kept through and arrived once more at Ora-emo on the 20th of March: finding after all that our hazardous route was only one mile shorter than the one we went through going.

Udumuje-Ile – looks a newly occupied station of the Niger mission towards this side is evidently the termination of that mission as far as language is concerned: within nine miles walk from it we came to another language and our guide from Isele could not make himself understood as he did at Udumuje.

March 16. - Sunday – This was a red letter day for Ora-eme, on account of the baptisms of 15 'adults': the first fruits of the efforts of the voluntary worker, John Alegbeleye

[fl. 21]

to evangelise his own town. We can only express – "What hath God wrought". Open air service occupied our afternoon.

March 18 – We arrived at Ifon yesterday, just in time to escape a heavy rain: the king kindly lodged us and was friendly; we spoke at length on many topics, one of which was the introduction of Christianity to his town; he spoke in anxious terms of it and promised that they would gladly pay 1 s [shellings] a month for every child sent to school. This morning he asked to be shown once more the pictures we showed him when going, during which I found that he remember almost every word Mr. Dennis said. I left with him a request for Christian teachers for this town.

March 19 to 20 – Arriving at Owo yesterday, I understood that among other changes that have taken place since last we passed through here the consecration in the king's palace of a bishop as good as my Anglican bishop (as the people were made to understand the baptism of some readers also building of a chapel school and the agreement of the town's people to pay 2 s [shellings] for every child sent to school.

On paying a visit to some of the influential chiefs I rejoiced to know that there is yet room for us.

[fl. 22]

Having received a letter bearing the information of my removal to Ode Ondo I hastened back to Akure with a heart weighted down by the thoughts of separation from a flock I have been tending since 1897. But with much sincere gratitude to our Heavenly Father for his

preserving care all these days through the jungles.

Thomas Adesina Jacobson Ogunbiyi

Através das selvas até o Rio Niger

Thomas Adesina Jacobson Ogunbiyi

3 de fevereiro a 20 de março de 1902.

[fl. 1]

A jornada descrita representa a realização de um sonho meu desde 1897, quando fui designado para abrir uma estação missionária em Akure, com o objetivo de estabelecer contato com nossos irmãos no Níger por meio de uma rede de estações [missionárias] de ambos os lados.

O Rev. J. F. Dennis, um missionário zeloso e incansável, que por algum tempo foi secretário da Missão do Níger, parece estar igualmente ansioso para ver a conexão das missões Yoruba e Níger por meio de uma cadeia de estações se tornar realidade. Por isso, ele resolveu aproveitar a oportunidade de sua visita a Lagos para participar da conferência diocesana e realizar uma inspeção pioneira por terra em seu retorno ao Níger. Como a presença de um companheiro de viagem nativo era uma necessidade imperativa para ele, fui designado pelo Comitê Executivo para acompanhá-lo.

Devido à necessidade de esperar um pouco mais em Lagos para minha ordenação ao ministério pleno, foram feitos arranjos para que eu alcançasse o Sr. Dennis em Ilesa e prosseguisse dali com ele.

Os aspectos característicos da jornada foram:

1. Foi realizada pelo Sr. Dennis sem o auxílio de uma rede ou de um animal de carga. Considero notável e aventureiro que um europeu tenha percorrido uma distância tão grande a pé durante vários dias consecutivos de caminhada na estação mais quente do ano.
2. Nós passamos por 3 idiomas distintamente diferentes, sem mencionar, é claro, os inúmeros dialetos que deles se originam; a saber: Yoruba, Benin e Ibo.

[fl. 2]

As notáveis características das pessoas que falam esses três idiomas são tais que levaram a uma decisão conclusiva de que o Yoruba é superlativamente o melhor [ilegível] dos três, o Benin comparativamente melhor e o Ibo positivamente bom.

3. É maravilhoso como todo o país está aberto ao Evangelho, e quantas almas existem nas selvas sem esperança para alegrar o túmulo, cujo lema diário é "Comamos e bebamos, porque amanhã morreremos". Além disso, a visão de um homem branco era uma novidade em muitas cidades.

Agora, quanto à jornada propriamente dita: Partindo de Lagos na segunda-feira, 3 de fevereiro, de trem, cheguei a Ibadan na mesma noite; aqui, contratei os serviços de alguns carregadores para nossa jornada por terra [e] segui dali no terceiro dia para Ilesa, o ponto de

encontro entre o Sr. Dennis e eu. Fiquei feliz em encontrá-lo já hospedado na casa missionária e completamente preparado para partir, mesmo a pé, por sua própria conta e risco.

9 de fevereiro - Domingo - O Rev. R. S. Oyebode, o pastor responsável, estando ausente em Lagos, dividimos os serviços do dia entre nós. O Sr. Dennis fez o turno da manhã e eu o da noite: tivemos serviços muito bem frequentados em ambos os horários.

10 de fevereiro - Deixamos Ilesa o mais cedo possível e fizemos uma parada em Ipole, uma vila de Ilesa, para o café da manhã, onde conversamos detalhadamente com o chefe sobre o cristianismo e tentamos ensiná-lo a buscar diariamente o Espírito Santo de Deus. Pouco antes de alcançar esta vila, o Sr. Dennis, ao tentar saltar sobre um riacho, sofreu um contratempo. Pensei comigo mesmo, "este é o começo das dores", mas ele prontamente aceitou conselhos e mudou [de ideia]

[fl. 3]

antes de prosseguirmos, senti-me menos ansioso em relação a ele. Deixando Ipole, chegamos a Iperindo por volta do meio-dia. Ao entrarmos, um edifício estranho que se assemelhava muito a uma casa de oração chamou nossa atenção. Não encontramos ninguém para satisfazer nossa curiosidade, até chegarmos à casa do chefe local, onde encontramos alguns muçulmanos escrevendo em árabe, a quem, juntamente com o rei, falamos sobre Jesus Cristo, enquanto o Sr. Dennis estava sentado em uma cadeira coberta de fuligem. Mal começamos a conversar com o chefe e seus convidados, os convertidos apareceram. Ficamos muito envolvidos com eles ao saber que eram construtores da capela que vimos na entrada. Nos mudamos para a casa de um deles, recebemos alguns refrescos, proferimos algumas palavras de encorajamento e os recomendamos a Deus em oração. Eram cerca de 22 no total, nenhum deles batizado ainda, mas sabem ler a Bíblia. A partir daí, seguimos para o rio Oni, onde dormimos entre fogueiras.

Feb. 11 - A marcha de hoje foi mais longa do que a de ontem, todos estavam cansados quando chegamos a Sarun, uma vila-cidade de Akure. Os habitantes ficaram bastante surpresos com a nossa chegada, especialmente quando souberam que íamos descansar na vila durante a noite; conseguirmos algo para comer e beber ocupou nosso tempo à noite; os moradores prepararam um prato de boas-vindas com inhame amassado e "sopa de óleo de palma" para os nossos homens; logo perceberam a diferença entre nós e os funcionários do governo, pois eu era uma figura conhecida para eles, tendo pregado para eles antes; eles nos desejaram

[fl. 4]

"boa noite" com confiança de que éramos mensageiros de paz e que

não haveria problemas durante a noite. No dia seguinte, eles se reuniram o mais cedo possível, com o chefe à frente, e o Sr. Dennis dirigiu-se a eles em seu estilo simples habitual, explicando a mensagem do Evangelho como se fosse para crianças; as pessoas, por nossa parte, valorizaram bastante seu discurso e o consideraram seu "homem branco", pois ele foi o primeiro a dormir em sua vila; aqui eles mudaram seu nome para Oludahlusi, sendo a pronúncia nativa de Dennis em seu dialeto. Tirei uma fotografia do grupo aqui.

13 de fevereiro - Chegamos a Okwe ontem por volta das 14h30, recebendo uma calorosa recepção dos convertidos cristãos principalmente, que vieram cedo nesta manhã para nos ver partir e pedir ao Sr. Dennis para não me manter por muito tempo no Níger; na verdade, eles consideram ele um mestre rígido por não me permitir passar mais do que uma noite na estação após mais de dois meses de ausência. Claro, expliquei a eles que era uma questão de dever e que era "porque o negócio do rei exigia pressa", pois o Sr. Dennis tinha uma reunião importante para comparecer no Níger dentro de alguns dias. A jornada do dia nos levou a Iso, cerca de 19 milhas a sudeste de Akure; encontramos acomodação adequada para nós e para os homens na varanda e frente do pátio do chefe.

15 de fevereiro - Deixando Iso ontem após compartilhar uma mensagem do Evangelho com o chefe e as pessoas, chegamos a Emure Ile, onde encontramos um

[fl. 5]

mercado, a chegada de um homem branco logo atraiu o chefe e uma boa multidão, para quem dirigimos algumas palavras antes de seguir para Owo, uma cidade de certa importância, logo a seguir em posição à cidade de Benin, nesta parte do país. Aqui encontramos um oficial do governo de Benin que, pensando que éramos oficiais do governo de Lagos, veio nos encontrar em algum lugar dentro dos muros; embora decepcionado, pareceu, no entanto, satisfeito por ter a companhia do Sr. Dennis durante a noite. Além disso, seu escrivão, um antigo colega meu, tão bem conhecido por mim, me deu as boas-vindas calorosas e me fez sentir confortável em sua hospedagem. O que mais lamentamos nesta visita foi a falta de uma entrevista com o rei por nossa parte e a presença de um missionário batista na cidade, que pretendia estabelecer sua missão ali, anulando assim nossos esforços anteriores para abrir uma estação na cidade. Mas ele não tem culpa, pois estava aproveitando a oportunidade de nossa indiferença ou negligência para ocupar um campo de trabalho tão promissor, onde asseguramos uma concessão de terras de uma estação.

Deixando Owo hoje, paramos em Ipele, cerca de 7 ½ milhas a sudeste, para o café da manhã; as pessoas foram suficientemente hospitaleiras e nos prestaram muita atenção quando as abordamos com as imagens que levamos, exibindo-as diante delas. Aqui, outra oportunidade foi aproveitada para fotografar uma multidão ouvindo

um homem branco, diferente de muitos oficiais que viram pregando o cristianismo. Este é o fim do meu conhecimento sobre o caminho que

[fl. 6]

estávamos seguindo e, portanto, tivemos que fazer repetidas perguntas sobre a melhor rota para o Níger; nossos informantes pareciam tão ignorantes quanto nós mesmos sobre qual seria a próxima cidade ou vila que encontraríamos; e que está na direção sudeste.

16 de fevereiro - Domingo - Só conseguimos caminhar cerca de 4 ½ milhas, além daquelas de Owo a Ipala ontem, para alcançar uma vila agrícola chamada Olemakin, assim nomeada pelo seu chefe, para acampar pelo dia e passar o nosso domingo. Havia apenas um punhado de agricultores com suas famílias vivendo em duas fileiras de cabanas de ambos os lados da estrada principal. A tenda do Sr. Dennis foi montada em uma extremidade da vila, e eu encontrei uma acomodação modesta para mim na outra extremidade em uma varanda. Depois de caminhar todos os dias da semana, percebemos de uma maneira especial que este era realmente um dia de descanso. Tivemos uma missa matinal ao ar livre na porta da tenda; quando o Sr. Dennis falou para a pequena multidão sobre a Paternidade de Deus, a entrada do pecado no mundo e a provisão de Deus para a salvação do homem. As mulheres da vila não puderam comparecer, mas ficamos felizes em saber, após a celebração, que estavam por trás das portas escutando [ilegível]. Quase todos nós aproveitamos para cochilar quando a missa terminou, e nos sentimos revigorados para uma missa à tarde que conduzi, e durante o qual falei para mais pessoas do que tivemos de manhã [sobre as]

[fl. 7]

três imagens do Pródigo, do Bom Pastor e da Crucificação que tínhamos conosco.

17 de fevereiro - Com renovado vigor, deixamos a vila agrícola e caminhamos cerca de 13 ½ milhas antes de fazermos uma parada para o café da manhã em Ifon, onde encontramos um edifício que se assemelhava muito a uma capela, mas era na verdade utilizado como tribunal e casa de descanso por funcionários de Benin. Neste edifício, tentamos nos refrescar depois do longo trecho enquanto o rei e alguns de seus seguidores foram ao mercado para nos providenciar algumas necessidades para o nosso café da manhã. Após isso, nos dirigimos ao rei e ao seu povo, ensinando a eles a partir das nossas três imagens. Foi a primeira vez que os habitantes da cidade ouviram a mensagem do Evangelho ou mesmo o nome de Jesus Cristo mencionado a eles. Pareceram muito impressionados, e o rei, um jovem bonito, nos levou para fora da cidade agradecendo-nos pela nossa mensagem. Logo nos encontramos em outra cidade em vinte minutos; como não podíamos prosseguir sem um guia dessa cidade, fomos à casa do rei, mas ele não estava em casa. Quando soube de

nossa presença, ele retornou o mais rápido possível e conversamos com ele sobre o Cristianismo e a vida eterna. Depois disso, ele nos forneceu um guia que nos levou até o rio Ose, onde encontramos um cristão de Oro-Esse com o nosso mensageiro especial, a quem tínhamos enviado para informá-lo de nossa chegada e pedir para que viesse nos encontrar pelo caminho, se fosse conveniente. Ele se mostrou um grande alívio para ambos, especialmente quando nos disse que tinha

[fl. 8]

recém-retornado de Asaba - nosso destino. A única notícia preocupante que ele nos deu foi que ainda estávamos a cerca de 7 ou 9 dias de distância. Decidimos acampar neste rio enquanto o grupo prosseguia com um mensageiro que o Sr. Dennis estava enviando para levar uma carta para sua irmã em Asaba.

18 de fevereiro - Caminhamos cerca de 12 milhas esta manhã antes de termos qualquer descanso: nos encontramos entre um grupo diferente de pessoas, falando línguas mais próximas de Benin e ainda não sendo Benin, é chamado de Ora. Esta região é composta por cerca de 6 aldeias: passamos por 5 delas, a mais distante da outra levando uma hora, a mais próxima 5 minutos. Quatro das aldeias pareciam mais novos assentamentos e entendemos que estavam apenas retornando de seu antigo local de refúgio para onde foram levados por ataques. Em Eme, uma das aldeias à qual Alegbeleye, um cristão voluntário e fervoroso, pertence, encontramos cerca de 12 adultos com idade o suficiente para o batismo; os examinamos no Catecismo da Igreja e na leitura, esta última eles fizeram de forma inteligente; e lamentamos não poder alcançar este local para o domingo para batizar os candidatos, como o Sr. Harding solicitou, nem podíamos nos dar ao luxo de passar um dia inteiro com eles, portanto adiamos o dever até o meu retorno. A parte notável do trabalho voluntário deste homem é que ele teve que ensinar as pessoas a falar Yoruba primeiro antes de ensiná-las a ler, mas, é claro, ele explica as escrituras

[fl. 9]

para eles em sua língua materna. Para sermos plenamente compreendidos por eles, o Sr. Dennis falava em inglês, eu interpretava para o Youruba e alguém interpretava para mim na língua em questão. No entanto, deixamos a aldeia no mesmo dia e dormimos perto de um riacho na mata.

19 a 21 de fevereiro - Nestes dias, passamos marchando mais pela fé, tendo decidido não seguir a rota que nosso guia conhecia, achando que era mais longa que a outra direção. Todos esses dias passamos por cidades de Benin, todas com entradas imponentes. Em quase todas as cidades, as pessoas ouviram o nome de Jesus pela primeira vez em suas vidas. A água é muito escassa em todas as cidades, eles tiveram que se contentar com água de lama das poças,

e a água boa é um luxo pertencente apenas aos chefes, trazida de uma longa distância, cerca de duas ou três milhas de distância. Ficamos muito animados ao nos encontrarmos em Olije na sexta-feira à noite e ao distinguir algumas palavras Ibo em seu idioma, o que nos fez sentir que não poderíamos estar muito distantes de nosso destino. Mas o Sr. Dennis teve que passar por um desafio aqui, sendo o primeiro "homem branco" já visto pelos habitantes da cidade, ele teve que se submeter ao olhar minucioso deles (depois de se lavar e jantar), embora exausto pela longa marcha do dia, ao ar livre com uma luz voltada para o seu rosto para que as pessoas pudessem vê-lo, mas não deixamos a oportunidade passar sem transmitir uma mensagem a eles.

[fl. 10]

22 de fevereiro – Logo ao amanhecer, o chefe de Olije tocou o tambor e uma significativa assembleia veio ver o "homem branco" à luz do dia e não apenas isso, mas também para cumprimentá-lo apertando as mãos; saímos da cidade no meio de uma multidão apressada e sob o clamor peculiar deles. Ficamos felizes por nos encontrar 3 horas depois entre pessoas que falam Ibo em Ilemunede, uma cidade cujo nome ao menos é bem conhecido pelo Sr. Dennis. Deixando esta cidade ao meio-dia, após a entrevista habitual com o chefe e refrescos na casa de um comerciante nativo bem conhecido, o Sr. I. J. Palmer, conseguimos chegar a Isebe antes do anoitecer. Aqui encontramos o próprio Sr. Palmer e ele se mostrou de grande ajuda para nós em todos os aspectos; mas foi estranho e chocante encontrar um rei que mantém servos em estado de nudez perfeita ao seu redor. Há uma Missão Católica Romana e uma casa de descanso oficial do governo na cidade.

O Sr. Dennis ainda precisa seguir para Asaba, ainda a cerca de 21 milhas de distância, enquanto os carregadores e eu permanecemos nesta cidade ou seguimos para Akwukwa para o domingo. Tendo lido tanto sobre Akwukwa como um novo campo missionário e sabendo que serei de alguma utilidade lá, estava ansioso para ir para lá no domingo, mas conseguir um guia era uma dificuldade, o rei prometeu um, mas antes de ir para a cama, mudou de ideia, alegando que a varíola estava se espalhando na vizinhança.

[fl. 11]

23 de fevereiro - Domingo. Este foi o primeiro domingo miserável que me lembro de ter passado em minha vida: o Sr. Dennis partiu cedo pela manhã para Asaba, e eu fiquei com os carregadores entre pessoas estranhas ao redor, sob certa tensão. Embora o Sr. Palmer, meu anfitrião, pudesse falar Yorubá e tenha feito com que me sentisse em casa, ainda assim não pude deixar de sentir que não era tudo o que se poderia desejar em um domingo. Fiz uma visita ao sermão romanista por curiosidade; a maior parte da missa foi em língua Ibo, e eu não conseguia entender uma palavra do sermão sem

o texto, feito em um inglês ruim. O padre, após a missa, me disse que, dentre cerca de 70 almas presentes, apenas 10 eram convertidos de verdade. Ao retornar para o meu alojamento, implorei ao Sr. Palmer que me conseguisse um guia a qualquer custo para me levar, pelo menos, até a entrada de Akwukwa; e ele conseguiu encontrar um para mim, com quem partimos, suspirando um certo alívio. Às 13h, chegamos a tempo de ver os cristãos saindo da missa noturna. Ao encontrar o Sr. J. Obingbo Egboala, o agente responsável ou melhor conhecido como "Oyenkwunzi", após me apresentar a ele, nos deu as boas-vindas calorosas. Logo tivemos uma casa cheia de visitantes cristãos e não cristãos. Eles me admiravam como alguém de outro mundo enquanto eu admirava seus rostos tatuados e adornos [ilegíveis] e ainda assim somos da mesma cor. As três imagens que levei comigo foram úteis aqui, especialmente a crucificação; o Sr. Egboala explicou cuidadosamente

[fl. 12]

para todos. Logo organizamos um sermão noturno, pois devo partir amanhã; tivemos uma casa cheia de cristãos e, ao olhá-los, lembrei-me de tudo o que li sobre Akwukwa, de maneira muito vívida, sobre os problemas da cidade, a construção da igreja, a cerca de cactos e a seriedade dos cristãos, e estou feliz em endossar tudo como muito verdadeiro. Fiquei muito impressionado com o canto; não se poderia esperar canções cristãs mais sinceras e úteis dos devotos concertos. Eu os dirigi com os textos - 'Agora, o próprio Deus e nosso Pai e nosso Senhor Jesus Cristo dirijam o nosso caminho para vós. E o Senhor vos faça aumentar e abundar em amor uns para com os outros e para com todos os homens'. No decorrer da fala, uma forte chuva começou e o telhado gotejante logo nos forçou a encerrar, para o pesar dos cristãos interessados.

24 de fevereiro - Já às 4h45 da manhã, ouvimos um grande barulho se aproximando da estação missionária. O Sr. Egboala me chamou para fora do complexo para ver o espetáculo; era de uma fogueira, as mulheres, cada uma com um pedaço de madeira em chamas, corriam, gritavam e batiam no chão, pedindo ao deus específico do festival para trazer um mau presságio sobre seus inimigos; elas fizeram uma pilha de lenha atrás da igreja e voltaram para casa dançando e cantando canções de livramento de seus inimigos. Entendi que este festival acontece a cada três anos.

[fl. 13]

Então pude ver quão formidável é o paganismo na cidade e imaginar o que deve ter custado aos cristãos escolher o Senhor Jesus como sua porção. No entanto, encontramos tempo para uma reunião, quando relutantemente me despedi dos cristãos após muita oração e sermões.

Por volta das 8h30, saímos da cidade olhando em direção a Asaba; mas tivemos que passar por outra estação da C.M.S., Ilegbolu, o

agente responsável não estava em casa, os convertidos, especialmente um rei titular, nos deixaram confortáveis durante nossa breve estadia; o único arrependimento foi que tivemos que nos fazer entender por gestos e acenos. Por volta das 3h da tarde, chegamos a Asaba, a cidade tão desejada, exatamente a tempo de ver as costas dos Senhores Dennis e Alvarez, enquanto iam para o cais embarcar para Onitsha. Logo me vi nas melhores mãos - da Senhorita F. M. Dennis, uma mulher que ousadamente denomino como a personificação da bondade, que me acolheu calorosamente durante minha estadia de duas semanas no Níger. Minha primeira tarefa aqui foi dirigir a escola noturna da Senhorita Hornley. 26-27 de fevereiro. Passei três dias visitando os prédios do governo, as cantinas, o famoso rio, o mercado cheio (diferente do nosso em Yoruba); a escola (na qual fiz uma apresentação) e uma vila onde alguns garotos estavam construindo voluntariamente um galpão escolar para si mesmos; a Senhorita F. M. Dennis

[fl. 14]

o Sr. Dennis e a Srta. Hornley gentilmente me guiaram pessoalmente por vez.

Hoje, dia 27, parti com o Sr. e a Srta. Dennis no barco missionário para Onitsha; levamos 55 minutos para atravessar; ao desembarcar, caminhamos tranquilamente até o "Ojala" com o Rev. Sr. Aikron de Lokoja, que encontramos no cais, evidentemente para nos dar as boas-vindas. Em uma hora e meia, me vi sentado para jantar na escola para meninas, em meio a 13 missionários europeus - mulheres e homens. O vínculo de união e comunhão cristã entre esse grupo é notável. Um missionário com quem tive grande prazer em encontrar neste rio é o Sr. T. E. Alvarez, o novo secretário; ele foi um verdadeiro e atencioso amigo em Serra Leoa e, estranhamente, quando estávamos nos despedindo um do outro lá, expressamos a esperança de que um dia nos encontraríamos no Níger, pois naquela época ele estava indo abrir uma nova missão em Falaba, perto da nascente do rio, e eu estava vindo abrir uma estação [missionária] neste distrito com o objetivo de me juntar à Missão no Níger. Nos cumprimentamos calorosamente. Sou muito grato a ele pelas confortáveis providências que fez para mim deste lado do rio durante minha estadia.

Não posso falar o bastante em elogios ao Sr. R. Cheetham, o contador da missão, que contribuiu muito para que eu me sentisse completamente em casa na casa e entre tantos homens brancos.

[fl. 15]

28 de fevereiro - Este foi um dia de caminhar ao redor para ver tudo o que pudesse: o Sr. E. Dennis primeiro me levou ao que é chamado de 'o complexo' para ver o departamento industrial da missão. Fiquei muito impressionado com este departamento, especialmente quando vi o trabalho feito pelos rapazes sob a competente e cuidadosa

orientação do Sr. Todd.

Depois disso, fui sozinho com um guia para a cidade de Onitsha para ver o Rev. G. N. Anyaegbanam, sobre quem li tanto, e fico feliz em registrar que ele é um digno primeiro nativo do solo no ministério. A visão de garrafas de gin exibidas em frente a várias casas enquanto passávamos foi chocante. Observei que algumas das garrafas estavam marcadas com 'P' em vermelho e pensei para mim mesmo: "Quem dera que esse povo pudesse ler e saber que 'P' às vezes significa veneno [*poison*] na língua inglesa." Estive presente novamente hoje à noite em um jantar na residência masculina com 12 missionários europeus, após o qual todos participamos da reunião missionária semanal, na qual tive o prazer de fazer um sermão. 2 de março - Domingo. Este é um domingo entre canibais: desde que cheguei a Obose ontem, um sentimento de horror diferente tomou conta de mim, especialmente quando um pupilo veio ontem à noite me advertir para não deixar minhas portas abertas se eu não quisesse sofrer com ladrões ou receber a visita de cobras deificadas.

[fl. 16]

Uma nova igreja está em processo de construção no mercado, mas tivemos um sermão agradável com cerca de 55 fiéis na sala de aula dentro do terreno da missão, onde fiz um sermão a partir do texto - "Vós, outrora, éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor; andai como filhos da luz".

Sabendo da minha curiosidade em ver uma cobra deificada, os pupilos trouxeram uma encontrada na cozinha dos catequistas: fiquei surpreso ao ver como brincavam com ela e como a terrível criatura se enrolava inofensivamente ao redor de um deles.

Fui a Ugamama para o sermão noturno, onde havia 19 presentes que ouviram atentamente a mensagem de Mateus XI, 28. Esta é a segunda estação em Obosi e está sendo mantida por um voluntário.

3 a 5 de março. Passei esses dias itinerando de cidade em cidade, todas repletas de canibais com aparência feroz e gestos selvagens, facilmente irritados e sempre prontos para uma briga ou alvoroço, com dentes serrilhados, movendo-se de maneira nua com apenas um pedaço de pano em torno dos quadris.

Não é de se admirar que o Níger tenha sido um solo tão árduo para o Evangelho. É de fato o vale da aridez espiritual, pelo menos nesta parte da África, e deveria angariar a simpatia em oração do mundo cristão.

O que pensar depois de tantos anos de evangelização fiel ao ler sobre 15 a 18 membros pertencentes a Oba, seis dos quais vi; ainda menos pertencentes a Ojoto, um ou dois dos quais

[fl. 17]

Pude ver na rua; 12 pertencentes a Nkpo, quatro dos quais vi, incluindo uma mulher que conhecemos recebendo instruções do voluntário, John Amariya; 34 pertencentes a Ogidi, nenhum dos quais

vi, o agente responsável, Thomas Ayanmene, estando ausente da estação em uma visita.

Foi o dia de mercado de Nkpo e Obosi quando visitei alguns desses lugares; vi, para satisfação da minha curiosidade, um lamentável grupo de canibais em uma reunião comum. Não é de admirar que às vezes sejam sedentos por sangue e levados a se alimentar de carne humana, como ocorreu em outubro passado. Todos estavam armados com armas de guerra, suas mulheres cada uma segurava uma faca afiada de dois gumes como arma defensiva; a única mulher desarmada que encontrei era uma cristã. Parece incrível que essas pessoas estejam a apenas 6, 7 ou 8 milhas de Onitsha, o centro do governo inglês e da civilização.

Em Iye-Anu, o campo de batalha dos canibais no ano passado, encontrei uma escola de "profetas modernos" (evangelistas) sob a supervisão do Rev. G. Basden. Esses evangelistas [ilegível] nas cidades ao redor para pregar e retornam em poucos dias para instruções.

Iye-anu é uma colina que oferece vistas esplêndidas ao redor e parece, portanto, ser uma torre de observação e um sanatório combinados. Tive momentos felizes com o Sr. Basden lá em sua pequena cabana.

6 a 8 de março. Esses dias foram passados em Onitsha, onde me alegrei por me encontrar mais uma vez livre da atmosfera dos canibais.

[fl. 18]

Primeiramente passei um dia com o irmão Anyaegbanam, que fez de tudo para tornar a memória da cidade de Onitsha duradoura em mim. Tive o prazer de conhecer os senhores Blacket e Bingham, missionários (nativos) das Índias Ocidentais, que me impressionaram como homens bem escolhidos, na casa do meu anfitrião durante o jantar.

Saindo da casa de Anyaegbanam, participei da reunião mensal ou trimestral de agentes, ou melhor, de uma conferência, na qual tive o privilégio de falar. Era uma casa cheia de agentes de todos os níveis, estrangeiros e nativos, de ambos os lados do rio.

Foi inspirador e emocionante ouvir alguns dos agentes, um após o outro, contando suas dificuldades e encorajamentos em suas diferentes esferas de trabalho. A atitude condescendente dos missionários europeus em relação aos agentes nativos é exemplar e sugestiva de um futuro bem-sucedido para esta missão, se continuar. Da conferência, aceitei um convite para falar na Escola para Meninas, sob a eficiente direção da Srta. Warner e da Srta. E. Dennis; Fiquei muito impressionado com a tradução fluente da Srta. Warner para mim. O aspecto louvável da escola é ser principalmente industrial, e é digno de nota ver como as meninas se sentem completamente à vontade e se comportam na sociedade de suas governantas estrangeiras.

[fl. 19]

Mais uma vez, fiz uma visita ao departamento industrial da missão sob a direção do Sr. Mackett, onde tive o prazer não apenas de ver as amostras do trabalho feito pelos alunos da escola, mas também de ser agraciado com um deles - uma prateleira de livros de grande valor. Como precisamos de um departamento industrial desse tipo em um bom centro da missão Yoruba, onde nossos rapazes e jovens mecânicos serão ensinados com tanta minúcia!

9 de março - Domingo. Com sentimentos de tristeza, troquei expressões de "Deus esteja convosco" com os missionários, especialmente os senhores Alvarez, Dennis e Cheetham, e parti na mesma companhia com a qual cheguei. Hoje preguei duas vezes na igreja - de manhã e à noite; o Sr. Monu [?], o mestre-escola-catequista, gentilmente fez a interpretação para mim nas duas ocasiões. Os serviços tiveram boa presença.

10 a 15 de março. Estes dias foram gastos com uma viagem de retorno por uma rota diferente, já que queríamos conhecer o caminho mais curto para chegar a duas missões. Mas antes de deixar o Níger, não posso deixar de acrescentar o que mais me impressionou sobre os missionários europeus nesta missão - seu modo simples e abnegado de viver - eles parecem bastante contentes em viver e trabalhar em uma casa térrea e sob um telhado coberto com material nativo. Aqueles que vivem nas únicas duas casas de pedra que visitei no lado do rio parecem compelidos a

[fl. 20]

viver nesses lugares, e felizmente trocariam com qualquer nativo. Durante minha viagem de volta, eu e meu grupo nos sentimos mais como gado conduzido em silêncio por cinco dias inteiros, já que éramos ignorantes dos idiomas das pessoas: ao tentar nos fazer entender, escapamos por duas vezes de sermos alvejados ou retalhados. Uma vez fui salvo pelos postes de minha tenda, pois pareciam uma arma.

Em lugares como esses, senti-me mais endividado do que nunca à Srta. F. M. Dennis, pelas amplas provisões que ela deixou em minha cesta, já que não conseguíamos comprar comida; os carregadores tinham que dormir cansados e famintos, ou às vezes apenas com uma refeição rasa. No entanto, fomos mantidos em segurança e chegamos mais uma vez em Ora-emo no dia 20 de março: descobrimos, afinal, que nossa rota perigosa era apenas um quilômetro mais curta do que a que tomamos para ir. Udumuje-Ile parece ser uma estação recém-ocupada da missão do Níger, do lado de cá é evidentemente a terminação dessa missão, pelo menos no que se refere ao idioma: a apenas nove milhas dali, encontramos outro idioma, e nosso guia de Isele não conseguia se fazer entender como fazia em Udumuje.

16 de março - Domingo - Este foi um dia marcante para Ora-eme,

por causa dos batismos de 15 'adultos': os primeiros frutos dos esforços do voluntário, John Alegbeleye

[fl. 21]

em evangelizar sua própria cidade. Só podemos expressar - 'O que Deus fez'. Fizemos um sermão ao ar livre durante a tarde.

18 de março - Chegamos a Ifon ontem, a tempo de escapar de uma forte chuva: o rei nos concedeu abrigo e foi amigável; conversamos extensivamente sobre muitos assuntos, um dos quais foi a introdução do Cristianismo em sua cidade; ele falou de forma ansiosa sobre isso e prometeu que eles pagariam de bom grado 1 xelim por mês para cada criança enviada à escola. Esta manhã, ele pediu para ver mais uma vez as imagens que mostramos a ele quando estávamos indo, durante as quais descobri que ele se lembrava de quase todas as palavras que o Sr. Dennis disse. Deixei com ele uma demanda de professores cristãos para esta cidade.

19 a 20 de março - Chegando a Owo ontem, soube que, entre outras mudanças que ocorreram desde a última vez que passamos por aqui, houve a consagração no palácio do rei de um bispo tão bom quanto o meu bispo anglicano (pois as pessoas compreenderam o batismo de alguns leitores, também a construção de uma capela escolar e o acordo dos habitantes da cidade pelo pagamento de 2 xelins por cada criança enviada à escola. Ao fazer uma visita a alguns dos chefes influentes, alegrei-me ao saber que ainda há espaço para nós.

[fl. 22]

Por ter recebido uma carta com a informação sobre minha transferência para Ode Orido, eu retornei apressadamente a Akure com o coração sobrecarregado pelos pensamentos da separação de um rebanho que tenho cuidado desde 1897. No entanto, com sincera gratidão ao nosso Pai Celestial por seu cuidado preservador todos esses dias através das selvas.

Thomas Adesina Jacobson Ogunbiyi